

VIDA E MORTE

DE

lima barreto

M. J.

GONZÁ

GÁ

textos
informativos:
fátima
mesquita

DE SÁ



PANDA
BOOKS

© Panda Books

Direção editorial

Marcelo Duarte

Patth Pachas

Tatiana Fulas

Gerente editorial

Vanessa Sayuri Sawada

Assistentes editoriais

Henrique Torres

Lais Cerullo

Assistente de arte

Samantha Culceag

Projeto gráfico e capa

Casa Rex

Diagramação

Daniel Argento

Notas

Fátima Mesquita

Estabelecimento de texto

Ronald Polito

Edição das notas

Olívia Tavares

Revisão

Olívia Tavares

Beatriz de Freitas Moreira

Ronald Polito

Fotos

p. 80: © autor desconhecido/
coleção particular/Wikimedia

Commons/domínio público;

p. 126: © St. Historisch

Kostuummuseum./Museum

Rotterdam/CC BY-SA 3.0 NL;

p. 139: © Library of Congress,

Prints & Photographs Division,

photograph by Harris & Ewing

[LC-DIG-hec-00542].

Impressão

Loyola

Este livro foi estabelecido com base na edição da *Revista do Brasil*, de 1919.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B263v

Barreto, Lima, 1881-1922

Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá/Lima Barreto. – 1. ed. –

São Paulo: Panda Books, 2024. 23 cm.

ISBN 978-65-5697-316-6

1. Ficção brasileira. I. Título.

24-92077

CDD: 869.3

CDU: 82-31(81)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439



2024

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

O QUE É UM CLÁSSICO?

Não sei você, mas pra mim “clássico” mesmo é jogo de futebol, tipo Fla X Flu, Coringão X Porco, Brasil X Argentina. Só que, na escola, os professores de português e de literatura cismavam em dizer que “clássico” eram os livros chatos que eles queriam porque queriam que a turma toda lesse. Ah, e não bastava empurrar pra cima da gente livro velho de fala complicada que a gente mal entendia. Além disso, eles ainda queriam que a gente fizesse exercício e prova sobre os textos. Pode haver castigo maior? E por que é assim?

Na minha aventura para tentar entender esse grande mistério da humanidade, comecei checando no dicionário o que quer dizer a palavra “clássico”. A definição varia de A a Z, mas lá pelas tantas diz mais ou menos assim: “Obra que se mantém ao longo dos tempos, que se tornou um modelo de inspiração, que pela sua qualidade obteve consagração definitiva”.

Beleza. Pra mim, saber melhor o que é considerado um “clássico” já ajudava a entender muita coisa, mas não mudava a minha opinião de que os clássicos eram uns chatos de galocha! E eu segui batendo nessa tecla por muito tempo, até que resolvi reler livros que eu havia empurrado com a barriga na escola pra ver se dava para acabar com essa conversa de sempre: de que os tais “clássicos da literatura brasileira” eram uns livros mais chatos que bêbado contando sonho. E, galera, vou admitir: quanto mais eu lia, mais eu gostava do que eu lia e mais eu me espantava com isso :)

LIMA LIMÃO

Este aqui é um livro temperado com muitas ideias interessantes, um domínio sedutor da nossa língua, um olhar poético e aguçado, além de uma dose grande de um azedume bem pertinente. Afinal de contas, o autor era negro, inteligente, original e culto, e, se isso ainda é um desafio neste Brasil de agora, imagine como era pesado ali nas décadas ao redor daquela abolição da escravidão feita de papel e tinta!

Pois é nesse contexto bruto que Afonso Henriques de Lima Barreto nasce, cresce, escreve, lê, sofre, bebe, enlouquece, morre

e se eterniza, com sua literatura confessional imortalizada em títulos que agora são clássicos. E tudo, meu povo, começa com João Henriques e Amália Augusta.

MORTE E LOUCURA

Ela era professora e faleceu de tuberculose ainda muito nova, quando o nosso autor tinha só oito anos de idade. Ele era tipógrafo e passava os dias caçando letras em gavetas para formar textos e assim imprimir seus escritos. João tinha também certa simpatia pela monarquia e sofria de problemas mentais que se agravaram com o tempo.

Mas estamos ainda no começo e, juntos, João Henriques e Amália Augusta formaram uma família de quatro filhos. No dia 13 de maio de 1881, nasceu o segundo deles, que foi batizado por Afonso Celso de Assis Figueiredo, um monarquista endinheirado e importante, mais conhecido como visconde de Ouro Preto. Esse padrinho ajudou pra caramba os estudos daquele jovem, que conseguiu ingressar no prestigioso Colégio Pedro II e na Escola Politécnica.

DE LIMÕES E LIMONADAS

Neto de escravos e pobre, sem mãe e na tensão constante dos surtos psicóticos do pai, Lima Barreto aprendeu muito mais que o resto dos seus colegas de turma nessas escolas feitas para a classe alta do Brasil na época: aprendeu que a vida não seria nunquinha fácil, que ele jamais participaria de alguns ambientes, que a cor da sua pele, o crespo dos seus cabelos e sua origem humilde seriam para sempre um limão azedo.

Apesar da sofrência, Lima fez desse caos em sumo uma limonada e tanto, usando o papel e a tinta para escrever e militar contra as várias injustiças sociais e o preconceito racial. Durante o dia, trabalhava na chatice burocrática do serviço público, ajudando a sustentar sua casa, que tinha um viúvo doente como um pilar bambo. Fora da repartição, no entanto, lia e escrevia aos baldes, publicando artigos em revistas e jornais – com nome próprio ou um pseudônimo – para ganhar um extra com algo que amava fazer e para marcar posição num mundo que mal lhe dava espaço para existir.

As revistas nessa época vendiam bem, tinham tiragens consideráveis e se espalhavam pelo país, superando o sucesso dos livros. Nos jornais, além de crônicas, Lima Barreto também publicava folhetins, ampliando dessa forma ainda mais sua base de leitores. Então, ele não era assim um João-ninguém. Era alguém que tinha lá seus admiradores. Mas no meio do seu caminho havia uma pedra líquida.

PEDRA LÍQUIDA

Lima Barreto enfrentou muitos obstáculos na vida, mas o que acabou mesmo com ele foi uma pedra líquida que cruzou o seu caminho e nunca mais foi embora: o álcool. Nosso gênio polêmico, aguerrido, diferente, que abriu as portas para a chegada do modernismo às nossas letras, perdia a medida no copo. Ele caía, se machucava e se metia em confusões que começaram a causar alucinações, levando o escritor a ser internado algumas vezes no que então era chamado de manicômio.

E se desfaz assim, em 1922, a vida do Afonso, com apenas 41 anos, solteiro, sem filhos, culto, inteligente, bravo, decepcionado e amargo. Mas, para nossa sorte, sua obra permaneceu, com destaque para *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909), *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1911), *Numa e a Ninfa* (1915), este *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919), *Os bruzundangas* (1923), além dos póstumos *Clara dos Anjos* (1924) e *Cemitério dos vivos* (1957).

O SUMO

Na superfície, o *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* é a biografia de um homem meio comum e meio único. Alguém que nunca fez nada muito importante, mas que mesmo assim tem sua vida contada por um amigo. É só isso e mais nada. Mas quando a gente mergulha naquilo que parecia apenas uma poça d'água, descobre um mar de coisas profundas e emaranhadas que fazem este livro andar agora num ritmo de ressuscitado.

Antes pouco lido e estudado, parece que chegou a hora deste *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* brilhar, porque, cá entre nós, ele de fato desenha uma curva, dando uma guinada e tanto na

literatura brasileira. Primeiro, justamente por fazer um picadinho do enredo, trazendo de forma estruturada uma série de reflexões sobre personagens que surgem de um jeito aleatório, do mesmo jeito que funcionam as nossas lembranças e pensamentos em geral, passando de um fato a outro sem dar muita bola para a necessidade de seguir a cronologia e achar ligações que sejam boas justificativas para o texto seguir aquela ordem específica. Se você reparar bem, dá para notar aí que isso já é um pé sólido sendo esticado no futuro, no que seria o modernismo das letras, né?

DO BARÃO À PROSTITUTA

A linguagem também é diferente de tudo que havia até então por aqui. A pompa parnasiana não coloca nem o focinho na porta desta obra, nem há aquelas marcas típicas do realismo que estava na moda. Por outro lado, temos cá uma poesia que vem em doses generosas, retratando de forma detalhada um Rio de Janeiro amado e seus tipos, com habitantes mais distintos: do barão à prostituta, passando pelos turistas e boêmios que botecavam até altas da madrugada. Nada é sagrado, limpo ou puro. É tudo torto, variado e lindo. Ao mesmo tempo.

Para terminar, tem a perspectiva muito particular, crítica e ácida do Lima Barreto, que vagueia junto com os dois personagens, que estão, aliás, sempre em movimento, indo e vindo pela cidade – no subúrbio, no morro, no trem, no bonde, na praia, no cemitério, no teatro, no boteco, na parada militar, na inauguração da energia elétrica, enfim, em toda as partes.

CÔMICO, TRÁGICO E ATUAL

Outra coisa que a gente encontra em pencas no texto são as mudanças modernizantes que vão surgindo num Rio em mutação constante, como se fosse uma luta do passado com o futuro, e que afligem profundamente o autor. Além disso, ele também aponta o dedo acusador para a chatice da rigidez burocrática que se acha importante à beça e para aquela complicação das indicações, o “quem conhece quem” e “quem vale o quê” que as sociedades teimavam em estabelecer, valorizando uns e jogando outros às traças. E, de forma meio cômica e meio trágica, sur-

gem críticas para alguns desafetos reais do autor, de antipatias desmedidas que ele sentia e no sabor do mais agudo sumo de mágoa. Ah!, e o racismo. Essa peste surge embaixo, em cima, ao lado, dentro, fora e no ar, e – olha o susto! – faz do livro uma leitura atualíssima!

FAROFA DOCE

Toda obra tem contexto, nasce com data e lugar. E, quando é boa, costuma durar. Mas aí a gente vai ler e se sente às vezes confuso, porque já não comunga daquele tempo e espaço em que o autor se encontrava quando deixou por escrito o que queria dizer para nós muitos anos depois. Para isso, estamos aqui, criando um jeito fácil, desenrolado e prático de todo mundo poder ler e curtir qualquer clássico.

Funciona assim: na mesma página, sem drama, deixamos registrado o significado de palavras cabeludas. Damos também **notinhas** que explicam usos, costumes, tempo histórico e outros babados. Em certos casos, sapecamos links e sugestões *googláveis*.

Esta introdução explica qual é a do autor e o motivo que fez o livro sobreviver a ponto de ainda ser publicado. E, lá no fim, vem um mapa que conecta os personagens e dá uma explicada extra nas coisas. Como farofa doce de sorvete no quilo, também há muitas ilustrações que ficam ali de esclarecimento e diversão. E quer saber de mais uma coisa? É delícia demais ler assim!

Fátima Mesquita

f Fotos para contextualizar a cena.

g Sugestões de pesquisa na internet.

e Comentários curtos e curiosidades.

YouTube Dicas de vídeos para assistir on-line.

Significado de palavras e expressões em **vermelho**.

PANDA BOOKS

SUMÁRIO

	Advertência	15
	Explicação necessária	17
I	O inventor e a aeronave	19
II	Primeiras informações	33
III	Emblemas públicos	39
IV	Petrópolis	43
V	O passeador	48
VI	O barão, as costureiras e outras cousas	54
VII	Pleno contato	64
VIII	O jantar	77
IX	O padrinho	87
X	O enterro	107
XI	Era feriado nacional...	120
XII	Últimos encontros	140

PANDA BOOKS

Em tradução livre, leve e solta, esse trecho em francês fica assim: "Só o silêncio é grande; o resto é tudo fraqueza". Esse é um verso da parte final do poema "La mort du loup" ("A morte do lobo"), do poeta Alfred Victor de Vigny (1797-1863), publicado em 1843. Para tratar da crueldade humana, ele usa um caçador que mata um lobo que defendia a sua matilha.

**Seul le silence est grand;
tout le reste est faiblesse.**

A. DE VIGNY

La plaie du coeur est le silence.

BOURGET

Essa frase em português quer dizer "a ferida do coração é o silêncio" e aparece no capítulo X do romance *André Cornélis*, publicado em 1886 como *Le grand poison du coeur, c'est le silence* [O grande veneno do coração é o silêncio], do poeta, escritor e crítico francês Paul Charles Joseph Bourget (1852-1935).

PANDA BOOKS

A

ANTÔNIO NORONHA SANTOS

Amigo do autor deste livro, Antônio era formado em direito e vinha de uma família com mais dinheiro e possibilidades que a de Lima Barreto. Em 1907, fundaram com outros amigos a revista *Floreal*, que durou só dois meses. Dedicada à literatura e à crítica literária, ficou famosa por ter publicado em suas páginas os primeiros capítulos de *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, romance inédito do próprio Lima Barreto.

PANDA BOOKS

ADVERTÊNCIA

Encarregou-me o meu antigo colega de escola, e, hoje, de ofício, Augusto Machado, de publicar-lhe esta pequena obra. Antes me havia ele pedido que a revisse. Se bem que nela nada encontrasse para retocar, não me pareceu de rigor a classificação de biografia que o meu amigo Machado lhe deu.

Faltam-lhe, para isso, a rigorosa exatidão de certos dados, a explanação **minuciosa** de algumas passagens da vida do principal personagem e as datas indispensáveis em trabalho que queira ser classificado de tal forma; e não só por isso, penso assim, como também pelo fato de muito aparecer e, às vezes, sobressair demasiado, a pessoa do autor.

Aqui e ali, Machado trata mais dele do que do seu herói.

Julgando que tão insignificantes defeitos eram de desprezar em presença dos reais méritos do pequeno livro, apressei-me em conseguir a sua publicação, certo de que, com isso, irei animar uma acentuada vocação literária que se manifesta, de modo **inequívoco**, nas páginas que se seguem.

Abril de 1918

Lima Barreto

Minucioso: detalhado,
cuidadoso.

Inequívoco: evidente,
indiscutível.

PANDA BOOKS

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

A ideia de escrever esta **monografia** nasceu-me da leitura diurna e noturna das biografias do dr. **Pelino Guedes**. São biografias de ministros, todas elas, e eu entendi fazer as dos **escribas** ministeriais. Por ora, dou unicamente **subsídios** para uma; mais tarde, talvez escreva, as duas dúzias que planejo.

Não há neste **tentâmen** nenhuma censura ao ilustre biógrafo, nem tampouco propósito socialista ou revolucionário de qualquer natureza. Absolutamente não! Obedeci, aliás muito inconscientemente em começo, à lei da divisão do trabalho; e, com isso, sem falsa modéstia o digo, fiz uma importante descoberta que o mundo me vai agradecer.

Os sábios, pelas notícias que deles tenho, não tinham dado ainda pela falta de verificação desta lei, nos domínios da biografia.

Entretanto, era fácil de ver que, exigindo a ordem obscura do mundo humano um doutor que cure, outro que advogue, forçoso era também que houvesse um biógrafo para os ministros e outro para os **amanuenses**.

Dessa forma, somos, eu e o dr. Pelino uma bela prova de plena generalidade desse grande **asserto** científico da divisão do trabalho; portanto, longe de ser um capricho, a publicação deste **opúsculo** é manifestação de uma grande e inevitável lei, a que me curvei e me curvo, como a todas as leis, independentemente da minha vontade.

Crendo-me justificado, dou aqui o testemunho público de quanto sou grato àquele escritor; e se, pelo correr do folheto, pus alguma **cousa** da minha pessoa, a culpa, afora o meu incorrigível e elementar **egotismo**, cabe-me a mim somente que não soube imitar, no estilo, a **concisão telegráfica** do modelo que adotei, e, na maneira, a sua superior impersonalidade de relatório ministerial.

Contudo, não me julgo com a verdade. Deus me livre de tal coisa! Tanto mais que, tendo-me destinado a atividade bem diversa, não me **afiz** aos estudos que a literatura reclama. Não sei grego nem latim, não li a gramática do snr.

E Monografia é um trabalho sobre um tema.

G Pelino Joaquim da Costa Guedes (1858-1919) foi chefe-geral da Diretoria da Justiça, autor e advogado. Lima Barreto lidou com ele ao tentar aposentar o pai por problemas mentais.

E Esse escriba era um funcionário público que escrevia documentos.

Subsídio: contribuição.

Tentâmen: tentativa.

Amanuense: escrevente.

E Asserto é a opinião dada como verdadeira.

E Opúsculo é um livro pequeno.

E Muitas palavras que hoje usamos com I eram com U, como "coisa", que era "cousa".

E Egotismo é o sentimento de se achar a última bolacha do pacote.

E Traduzindo: brevidade, objetividade (concisão) ao estilo do telégrafo, um aparelho que enviava telegramas, mensagens codificadas curtinhas.

Afazer: habituar, adaptar.

8 Cândido Lago escrevia uma coluna de jornal sobre gramática em defesa do português de Portugal.

Talhado: fino, elegante.

E Lente é um professor universitário.

8 Licínio Cardoso (1889-1931) foi professor de Lima Barreto na Escola Politécnica, fundada em 1792 e primeira instituição de ensino superior do país.

Fecundo: produtivo, fértil.

E Minos, semideus da mitologia grega, era um dos juizes dos mortos.

Estrela: destino, sorte.

E Aliterado é o que não é muito culto.

Descompostura: bronca.

Alento: força, ânimo.

8 O grego Plutarco (46 d.C.-120 d.C.) foi um historiador, biógrafo e filósofo da Antiguidade.

E Gênero da biografia.

Intento: intenção.

Excelso: excelente.

E Específico é o remédio que age contra uma certa doença e botica é a farmácia das antigas.

Cândido de Lago, nunca pus uma casaca e não consegui até hoje conversar cinco minutos com um diplomata bem **talhado**; sigo, entretanto, o exemplo do severo e saudoso **lente** de mecânica da **Escola Politécnica, dr. Licínio Cardoso**, que estudou longos anos a alta matemática para curar pela homeopatia.

O seu espetáculo foi-me sempre **fecundo**. As reprovações que levei foram justas: antes de mim, todos os que passaram, saíam maravilhosamente; depois... oh! então!...

O seu julgamento é um julgamento de **Minos**, inflexível e reto, e que tira a sua inflexibilidade da própria ordem do Cosmos; e se, nos atos de minha vida, alguma vez fui justo, devo-lhe a ele, só e unicamente ao seu exemplo, que tive sempre diante dos olhos, durante a minha adolescência atribulada.

De joelhos, rendo graças à minha **estrela**, por ter encontrado na minha carreira, tão raro e modelar exemplo...

Atirando-me aos azares da publicação de um opúsculo **aliterado**, pode ser que seja feliz, como o meu inestimável lente o foi na homeopatia; pode ser que não e leve algumas **descomposturas**. Embora desagradáveis, as descalçadeiras dar-me-ão **alento** para viver, coisa que me vai faltando dentro de mim mesmo.

É um estimulante que procuro, e uma imitação que tento. **Plutarco** e o dr. Pelino, mestres ambos no **gênero**, hão de perdoar esse meu plebeu **intento**, de querer transformar tão **excelso** gênero de literatura moral – a bibliografia – em **específico de botica**.

Perdoem-me!

Augusto Machado

8-10-1906

I

O INVENTOR E A AERONAVE

Nessa época, as engenhocas voadoras estavam na moda, em especial os balões dirigíveis. Entre os brasileiros mais engajados no assunto estava Alberto Santos Dumont (1873-1932), o futuro pai da aviação, que ganhou em 1901 o importante prêmio Deutsch de la Meurthe ao ir e voltar do Parc de Saint-Cloud à Torre Eiffel, em Paris, a bordo do seu dirigível.

Ofício: trabalho.

E Gaiola é um tipo de embarcação comum no Norte do Brasil.

E "S. Revma." é a abreviatura de "Sua Reverendíssima", um modo de se referir a bispos e arcebispos.

Nunca me passou pela mente que o meu amigo Gonzaga de Sá se dedicasse a cousas de **balões**. A não ser que o tal papel que me deixou entre muitos, queira exprimir outro pensamento, não posso crer, dada a amizade que mantínhamos, que ele me fosse ocultar essa digna preocupação de seu espírito. Tive sempre respeito por aquele que quer voar... Enfim!... Contemos a história.

Conheci Gonzaga de Sá quando, certa vez, por dever de **ofício**, fui mandado à Secretaria dos Cultos. Tratava-se de um caso de salvas devidas a um bispo. O bispo de Tocantins, ao entrar no porto de Belém, a bordo de um **gaiola**, recebera da respectiva fortaleza, apenas dezessete tiros de salva. **S. Revma.** reclamou. Competir-lhe-iam dezoito tiros; e **basto cabedal** de textos e leis, a alta autoridade **eclesiástica** citou, fundamentando a sua opinião.

A reclamação foi **presente** ao ministro dos Cultos, cuja secretaria, na longa informação que deu, **aludiu** à questão das **investiduras**, à dos bispos no tempo do **Império** e ao

E Basto é numeroso e cabedal é o conjunto de bens intelectuais.

E Eclesiástico é o que se refere à Igreja.

E "Presente" quer dizer "apresentado".

Aludir: referir.

E Investidura é uma cerimônia em que uma autoridade dá posse a um funcionário público.

E O Brasil passou do Império à República no dia 15 de novembro de 1889.



E Direito canônico é o conjunto de regras que pautam quem trabalha na Igreja Católica.

g Montenegro é um pequeno país localizado no Leste da Europa.

E Budismo é uma religião que surgiu na Índia a partir dos ensinamentos de Sidarta Gautama, o Buda.

E Bramanismo é uma religião e um sistema social hindu bem antigo que divide o povo em castas hereditárias.

Plácido: tranquilo, suave.

Imã, muezim e dervixe são sacerdotes e religiosos do islã, assim como o bispo nas igrejas Protestante e Católica e o lama e o bonzo na religião budista.

E Camarário é um adjetivo relativo à câmara, lugar onde as pessoas se reúnem para debater e tomar decisões.

direito canônico, ainda por cima, sem nada resolver de definitivo.

Ouviu-se o Ministério do Exterior e o protocolo carinhosamente interpretado e sabiamente, nada adiantava ao caso. Recorreram, então, ao estabelecido na legislação dos países civilizados ou não.

Os regulamentos da China eram completamente omissos, mas os de **Montenegro** davam vinte e quatro tiros aos bispos.

Na linda repartição das delicadas cousas internacionais, fizeram sábias transposições de uma religião para outra, de modo a se estabelecer a equivalência das respectivas autoridades.

Foi organizado um quadro, muito bem-feito, bem riscadinho, em que os nomes dos sacerdotes de cada religião foram escritos, respeitando-se a índole ortográfica de suas línguas próprias.

O catolicismo, o **budismo**, o judaísmo, o **bramanismo** e as seitas protestantes encontravam-se **placidamente** no terreno das conveniências burocrática e protocolares.

Imãs, muezins, bispos, lamas, bonzos, dervixes foram postos ao lado uns dos outros **camarariamente**.

Acreditava-se no Ministério dos Estrangeiros que, desta forma esclarecida a correspondência entre sacerdotes de todas as seitas e religiões, melhor poderia ser interpretada a legislação, relativa ao assunto, de cada país do globo, isto é: as **praxes** da **Birmânia**, do **Tibete** e da **Turquia** viriam em auxílio da **mortificante** colisão em que se achava a administração brasileira.

Nada disso, porém, conseguiu decifrar o problema. Buscou-se, então, resolvê-lo com a opinião do Ministério da Guerra, que veio a decidi-lo **salomonicamente**.

Era seu parecer que, para evitar reclamações futuras e satisfazer as partes, de ora em diante devia competir uma salva de dezessete tiros, com canhões de quinze, e um tiro, com canhão de sete e meio. Era, além de salomônico, matemático, ou ambas cousas juntas, pois, com dezoito disparos, se tinham dezessete tiros e meio, sendo, assim, satisfeito o prestígio do governo e os **melindres** do **prelado**.

Esta resolução foi tomada, depois de serem ouvidas as grandes repartições técnicas do Ministério, cujo saber foi no caso incalculável.

A informação da secção de artilharia recorreu por alto a teoria da separação de poderes; a divisão de Justiça, porém, abandonando as leis, os tratadistas, baseou-se em questões teóricas de artilharia, desenvolveu cálculos para mostrar os fundamentos da queixa de S. Revma.

Estava a decidir-se a questão de um modo geral e de vez, quando surge a angustiosa dúvida do cardeal. Seria S. Em. uma autoridade eclesiástica brasileira? Devia receber só salvas de arcebispo ou mais outras? Se era autoridade eclesiástica estrangeira, que salvas devia ter? Se era nacional, quais? etc.

E assim as interrogações se sucediam nas secções do Ministério, quando o meu diretor, para evitar **delongas**, resolveu mandar-me à Secretaria dos Cultos, submeter aos competentes a angustiosa questão – cardeal.

Pouca gente conhece a Secretaria dos Cultos e tem notícia dos seus serviços. É de admirar que aconteça isso; por-

Praxe: costume, rotina.

g A Birmânia, uma antiga colônia britânica no Sul da Ásia, hoje é um país independente chamado Mianmar.

g O Tibete já foi um país independente, mas hoje é uma região autônoma da China.

g A Turquia, antiga sede do Império Otomano, tem uma parte do seu território na Europa e outra na Ásia. Virou um Estado moderno em 1923, após a Primeira Guerra Mundial.

Mortificante: sofrido.

A Bíblia conta que um rei chamado Salomão, um dia, foi chamado para julgar o caso de duas mulheres que diziam ser mães do mesmo bebê. Para resolver a disputa, ele disse que dividiria a criança ao meio com uma espada. Quando uma das mulheres aceitou e a outra desistiu da criança para deixá-la inteira, o rei concluiu que a verdadeira mãe era a que preferia deixar o filho para protegê-lo.

Melindre: vergonha, sensibilidade.

t Prelado é um título dado a cargos altos da Igreja Católica, como bispos, abades etc.

Delonga: demora, atraso.

Ao chegar à África, os portugueses encontraram estátuas do rei Mpanzu. A junção desse nome com "mwene", que é "rei" em quicongo – a língua do reino do Congo –, originou o termo "manipanso", que pode significar feitiço ou a imagem de uma divindade.

Aterrorador: assustador.

E Onipotente é alguém que pode tudo, que tem autoridade absoluta.

Pasmo: surpresa, espanto.

E Alfaia é qualquer objeto usado na missa, e paramentos são as vestes do sacerdote nas cerimônias religiosas.

São Sebastião é um santo católico que, em vida, foi um soldado romano que ajudou cristãos perseguidos por Roma. Condenado por traição, foi alvo de uma série de flechadas, mas resistiu e acabou sendo espancado até a morte. Por esse motivo suas estátuas e pinturas o retratam com várias flechas cravadas no corpo.

E Gogó é aquele volume no pescoço provocado pela cartilagem que embala a glândula tireoide (o tal do pomo de adão).

Tez: cútis, pele.

E Círio é um tipo de vela mais grossa.

quanto, penso eu, se há secretaria que deva merecer o respeito e a consideração da nossa população é a dos Cultos.

Num país em que, com tanta facilidade, se fabricam **manipansos** milagrosos, ídolos **aterroradores** e deuses **onipotentes**, causa **pasmo** que a Secretaria dos Cultos não seja tão conhecida como a da Viação. Há, entretanto,

nela, no seu Museu e nos seus registros, muita coisa interessante e digna de exame.

Foi, por ocasião de desempenhar-me da incumbência do meu diretor, que vim a conhecer Gonzaga de Sá, afogado num mar de papéis, na secção de "**alfaia, paramentos e imagens**", informando muito seriamente a consulta do vigário de Sumaré, versando sobre o número de setas que devia ter a imagem de **S. Sebastião**.

Era Gonzaga um velho alto, já não de todo grisalho, mas avançado em idade, todo seco, com um longo pescoço de ave, um grande **gogó**, certa macieza na voz grave, tendo uns longes de doçura e sofrimento no olhar enérgico. A sua **tez** era amarelada, quase dessa cera amarela de certos **círios**.

